



## **A FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS E HISTÓRIA DA ARTE**

**ARCURI, Christiane Pereira<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

Este artigo traz ponderações acerca dos embates pedagógicos e artísticos que emergem nos licenciandos do Curso de Artes Visuais da UERJ, no decorrer da disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III), onde assistem e coparticipam das aulas de Artes Visuais e História da Arte nos ensinos fundamental (1º e 2º segmentos) e médio do CAp-UERJ. Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e alguns autores que dialogam com essas premissas serão a base para uma melhor compreensão da importância da finalidade, das metodologias e dos objetivos da prática escolar da disciplina de Estágio Supervisionado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes Visuais - Estágio Supervisionado - Ensino Fundamental - Ensino Médio / PCNs.

### **ABSTRACT:**

This article presents considerations concerning the pedagogical and artistic conflicts that emerge in the undergraduate Visual Arts Course UERJ during the course of Supervised (I, II and III) where they attend classes and coparticipam Visual Arts and Art History in the teachings fundamental (1st and 2nd segments) and average CAp / UERJ. To this end, the National Curriculum (1998) and some authors that dialogue with these assumptions will be the basis for a better understanding of the importance of purpose, methodologies and objectives of the practice of school discipline Supervised.

**KEYWORDS:** Visual Arts - Supervised - School - High School - PCNs.

### **INTRODUÇÃO**

Venho, ao longo dos anos, como professora de Artes Visuais e História da Arte do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap-UERJ, desenvolvendo

um trabalho de escuta e registro acerca das narrativas dos licenciandos do Curso de Artes Visuais da UERJ que acompanho nas disciplinas de **Práticas Pedagógicas em Artes (I, II e III) e Estágio Supervisio-**

<sup>1</sup> Professora assistente de Artes Visuais e História da Arte – CAp-UERJ; Doutoranda em Estudos de Literatura (e outras artes) – UFF. E-mail: arcuriarte@gmail.com



## **nado em Artes (I, II e III).**

Proponho, neste artigo, ponderações acerca dos embates pedagógicos suscitados nos licenciandos no decorrer, principalmente, do Estágio Supervisionado (I, II e III), quando observam e coparticipam das aulas de Artes Visuais e História da Arte nos ensinos fundamental (1º e 2º segmentos) e médio do CAp-UERJ.

As disciplinas Práticas Pedagógicas em Artes (I, II e III) e Estágio Supervisionado em Artes (I, II e III), ministradas para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais, seguem ementas que tratam das noções, dos fundamentos e da epistemologia do ensino, especificamente as concepções acerca das metodologias para a prática pedagógica da disciplina de Artes Visuais e História da Arte para os ensinos fundamental (1º e 2º segmentos) e médio do CAp-UERJ. O foco central, seguindo as ementas, é voltado para o desenvolvimento dos aspectos pertinentes ao currículo e dos seus objetivos gerais e específicos; na adequação de metodologias aplicadas com recursos didáticos e visuais; nos processos de avaliação processual (e da auto avaliação); além do embasamento bibliográfico atento à historiografia da arte e aos meios e recursos digitais contemporâneos, todos voltados para a aplicabilidade nos ensinos fundamental (1º e 2º segmentos) e médio do CAp-UERJ.

A justificativa deste estudo parte da relevância destas disciplinas, aqui neste estudo prioritariamente na disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III), uma vez que, na ocasião do curso desta disciplina, o licenciando tem a oportunidade de acompanhar a teoria na prática, ou melhor, de vivenciar o aproveitamento dos conteúdos programáticos através de metodologias dinamizadas para o ensino de Artes Visuais e de História da Arte no CAp-UERJ.

## **1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FINALIDADE PARA O LICENCIANDO**

A disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III) pretende desenvolver como objetivos gerais:

- oportunizar a prática de ensino em Artes Visuais e História da Arte na educação básica por meio da aproximação e do diagnóstico *in loco* do cotidiano escolar;
- aprimorar a atitude crítico-reflexiva sobre a epistemologia e a ética da ação docente.

A carga horária da disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III) é dividida em três etapas concomitantes, a saber: as horas de estágio de observação no CAp-UERJ, as atividades complementares /supervisionadas e a prova-aula.

As atividades complementares /supervisionadas têm relação com as atividades extraclasse, como visitas a exposições em galerias e museus de arte, cursos, bolsas científicas/artísticas e monitorias em espaços culturais e em ateliês de artistas plásticos, filmes e espetáculos assistidos, entre outras, relacionadas pelo licenciando naquele semestre em que cursa a disciplina de Estágio. Todas as atividades devem ser apresentadas ao professor regente da disciplina por meio de relatório e/ou resenha.

A disciplina de Estágio Supervisionado traz a oportunidade ao licenciando de aplicar uma prova-aula em uma turma/série observada após um determinado período<sup>2</sup>. Para esta prova-aula, o licenciando deve desenvolver um plano de aula (de 50 minutos para o ensino fundamental ou de 100

<sup>2</sup> Vale dizer que na disciplina Estágio Supervisionado I (60 horas), o licenciando aplicará sua prova-aula no 1º segmento do ensino fundamental; no Estágio II (60 horas), a prova-aula será aplicada no 2º segmento do ensino fundamental e no III (90 horas), no ensino médio.



minutos para o ensino médio) relacionado ao planejamento do professor regente da turma do CAp. O planejamento deve conter os tópicos relevantes de um plano, como o tema, os objetivos gerais e específicos, os conteúdos, a metodologia, os recursos didáticos e visuais, a avaliação e a bibliografia. O desenvolvimento do plano de aula pelo licenciando é acompanhado tanto pelo professor regente do CAp como pelo professor regente da disciplina de Estágio Supervisionado. Esta prova-aula será avaliada através de um relatório preenchido pelo professor regente da turma e encaminhado, pelo licenciando, para o professor de Estágio. E é justamente a partir deste momento que, oportunamente, justifica-se o valor desta reflexão. Os licenciandos não se veem preparados para desenvolver as etapas de um plano de aula, assim como apresentam dúvidas em como relacionar os conteúdos a metodologia e recursos (didáticos e plásticos) adequados àquela turma/série em questão para a aplicação da prova-aula.

Vale mencionar que, de acordo com as conversas com os licenciandos, a carga horária da disciplina de Estágio Supervisionado é grande, muitas vezes exaustiva, porque muitos já trabalham e também porque tem que cumprir outros estágios, os da Faculdade de Educação e os estágios do Instituto de Artes. No entanto, assim que iniciam o estágio no CAp veem que é uma grande oportunidade de adquirir experiência numa escola diferenciada, no que tange ao ensino de Artes Visuais e História da Arte. Da estrutura física do espaço da sala de aula, ao número reduzido de alunos por turma e à interdisciplinaridade de áreas artísticas afins, o CAp para os licenciandos proporciona, inclusive, um campo de estudo nas áreas da Extensão e da Pesquisa.

### **1.1. DESENVOLVENDO METODOLOGIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

As ementas das disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II e III) são diretamente relacionadas com os conteúdos das disciplinas de Prática Pedagógica (I, II e III).

Como metodologia da disciplina de Estágio Supervisionado, algumas questões que permeiam cotidianamente as aulas de Artes Visuais e de História da Arte são anunciadas aos licenciandos com o intuito de que alguns vieses possam ser suscitados no decorrer do semestre. Dentre algumas questões que funcionam com o efeito de hipóteses, seguem algumas em destaque: O que é arte? De que forma ensinar arte na escola? Como planejar? Como avaliar? Que conteúdos eleger? Como a prática artística não ser banalizada como "mera atividade"? Como partir de conteúdos programáticos numa metodologia de Projetos não estanques? Como investigar e experimentar ideias inusitadas em planejamentos coerentes e consistentes? Estas perguntas (e muitas outras) dialogam com o apoio do estudo, no decorrer do semestre, de textos acadêmicos que priorizam abordar as concepções culturais e estéticas no ensino de Artes Visuais e de História da Arte nos níveis fundamental (1º e 2º segmentos) e médio do CAp-UERJ.

A análise de currículos e conteúdos programáticos na área de Artes Visuais e História da Arte, de instituições de ensino das redes municipal, estadual e privada também é um recurso metodológico para complementar o andamento da ementa da disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III) para a formação dos licenciandos de Artes Visuais e História da Arte.

#### **1.1.1. OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A PRÁTICA ESCOLAR**

Desde que a disciplina de Artes faz



parte do currículo escolar, e não somente com os PCNs, sabe-se que “o fenômeno artístico está presente em diferentes manifestações que compõem os acervos da cultura popular, erudita, modernos meios de comunicação e novas tecnologias”. (PCNs, 1998, p. 62). É sabido também que a arte não está presente apenas através das obras de arte, mas no nosso cotidiano, na mídia e nas propagandas (televisão, cinema, fotografia), nas artes gráficas dos objetos e dos produtos de consumo, na arte de rua – grafite, na moda, no mobiliário, nas redes e nos espaços informatizados - só para citar alguns.

As Artes Visuais e a História da Arte como disciplinas curriculares nos ensinos fundamental e médio, de acordo com os PCNs (*id.*, p. 63), são frutos da necessidade de “uma educação para saber ver e perceber, distinguindo sensações, ideias e qualidades contidas nas formas e nos ambientes (...) sobre conceitos acerca do mundo e de posicionamentos críticos”. A educação em Artes Visuais requer o entendimento sobre conteúdos, materiais e técnicas relacionados à História da Arte, inclusive à arte contemporânea, e suas possíveis relações culturais e sociais – os métodos iconológico (através da história das imagens), sociológico (através da produção social e dos signos culturais) e linguístico-estruturalista (através da época cultural em que a obra foi produzida) podem ser alternados e estar aliados ao método formalista que desperta no aluno a percepção da forma e dos elementos da linguagem visual, destacando as noções de ponto, linha, plano, cor, luz, volume, textura, movimento, ritmo (e outros), enfim, beneficiando para que códigos, representações e sistemas de significações de culturas diversas possam ser melhor compreendidos, inclusive, pelo resgate da memória.

Mais adiante, os PCNs (*id.*, p. 65) descrevem como objetivos gerais o que os alu-

nos devem desenvolver nas aulas de Artes, a saber: “expressar; representar ideias; saber utilizar com propriedade diversas técnicas de arte; analisar criticamente”; dentre outros. Já em relação aos conteúdos de Artes Visuais, os PCNs (*id.*, p. 66) enumeram alguns tópicos que os alunos devem apresentar para a realização da produção artística em sala de aula: “análise da produção visual manifesta por várias linguagens; conhecimento e utilização de materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas; experimentação e investigação de materiais diversos, convencionais e não-convencionais”.

Várias abordagens, desde a década de oitenta, são responsáveis pelo ensino de artes no espaço da escola. Tanto a estética do cotidiano, como as imagens publicitárias, a produção de grupos locais, a arte de diferentes povos e de diferentes regiões do país começam a ser introduzidas nos conteúdos escolares. Da mesma forma, a Arte Contemporânea é inserida, aos poucos, no espaço da ação docente nos programas escolares. A cronologia rígida da História da Arte perde lugar para os temas, para as problemáticas e para os projetos articulados.

Cabe à disciplina de Estágio Supervisionado, que trata das conceituações e metodologias pedagógicas em Artes Visuais e História da Arte, ir além dessa orientação teórica que os PCNs e demais autores pedagógicos suscitam. A impressão inicial do licenciando em campo, na sala de aula, deve estar voltada para os conceitos artístico-estéticos, para a produção artística, as leituras e as releituras de imagens e sua contextualização histórica, cultural e estética, além da identidade e da memória. Desta maneira, o licenciando pode perceber que o ensino, o planejamento, o currículo, a avaliação e as referências bibliográficas devem ser investigados e experimentados através das práticas artísticas. E o período cursado na disci-



plina de Estágio Supervisionado torna-se muito apropriado para o licenciando desenvolver suas concepções teórico-críticas levantadas no decorrer do curso de Licenciatura.

A formação do professor em Artes Visuais e História da Arte ocorre, deste modo, sem dúvida, no decorrer do Estágio Supervisionado (I, II e III), uma vez que as competências e as habilidades desenvolvidas em sala de aula são resignificadas nos contextos de observação, diálogo e práticas de ensino, o que leva o licenciando à construção de conceitos próprios sobre o que é e o que se espera do ensino de artes, nos seus diferentes níveis da educação formal. Mas algumas questões são postas neste íterim: Como o licenciando percebe e avalia a sua formação acadêmica e as ações no estágio frente às exigências da profissão e do contexto educacional? Como continuar a formação artística do professor de artes depois de formar-se na licenciatura?

As reflexões decorrentes da leitura, pelos licenciandos, de textos acadêmicos (BARBOSA, 1993, 1995, 2002, 2005, 2010) - e entre demais autores -, apontam o papel do professor como o de um proponente que visa, sobretudo, instigar nos alunos uma compreensão crítica dos processos criativos, através de imagens e obras de arte, para fomentar a experimentação com estratégias metodológicas, estimular o diálogo respeitando os diferentes contextos (inclusive os conhecimentos prévios que cada aluno traz consigo), entendendo que o ensino de Artes Visuais busca, acima de tudo, estabelecer relações e significações para os alunos e para o professor, para a formação e o desenvolvimento integral de ambas as partes, a fim de estabelecer um processo permanente de desacomodação e reformulação de conceitos e princípios.

FERRAZ e FUSARI (1993, *passim*) en-

tendem, no entanto, que o sucesso do processo transformador no ensino da arte depende de um professor cuja prática teórica do saber e do fazer artístico deve estar conectada a uma concepção do que pode ser considerado arte, assim como das propostas metodológicas que sejam consistentes e amparadas com o que se pretende desenvolver e que interesse a cada turma, em especial. Esse professor precisa conhecer a História da Arte, ao mesmo tempo em que necessita saber ser professor-pesquisador-proponente. O professor de arte deve aprofundar seu conhecimento estético à medida que compreende os legados culturais e artísticos da humanidade, respeitando as particularidades das demais culturas coexistentes (FREIRE, 2001).

A leitura de uma imagem através de sua contextualização, apreciação crítica e experimentação plástica (BARBOSA, 2010) é um exercício de estreitamento, uma aproximação com questões que permeiam os aspectos do imaginário cultural, ou seja, um processo que pode levar o aluno a ver o mundo com um novo olhar, sob uma outra perspectiva. Sendo assim, o professor em formação, ao atuar no estágio, ao pôr em prática as teorizações, muitas vezes, pode vir a se decepcionar ou ficar desestimulado quando a realidade vista na sala de aula não condiz com o que foi planejado, assim como quando se depara com resultados inesperados. A ideia de que "o professor ensina e o aluno aprende" é extremamente intensa e modificar essa postura requer uma transformação profunda do conceito de docência e de educação. Uma das consequências dessa transformação é a percepção de que o professor, na sala de aula, não é o único detentor do saber, mas alguém que está entre os muitos saberes. Ao provocar na sua prática educativa diversas reflexões e conexões interdisciplinares de saberes, o professor e os alunos questionam e reconstruem



conceitos e posturas culturais que, no currículo formal de arte, muitas vezes, estão ausentes ou periféricos.

O que importa destacar é que tanto a prática quanto a teoria fazem parte da ação docente. Ensinar e aprender envolvem, por parte de professores e alunos-licenciandos, a investigação, a pesquisa, a elaboração, a reformulação, a transformação, só para citar alguns, não numa ordem linear e estanque, mas como um sistema dinâmico e multidisciplinar por parte dos alunos, inclusive. É dessa maneira que os licenciandos avaliam uma boa parte da sua formação: um conjunto de saberes e práticas que fundamentam a consciência teórica, mas que não orientam isoladamente a sua ação em sala de aula. É preciso deixar de culpar o outro: a escola, a rotina, o tempo, os alunos, o sistema educacional e social pelos empecilhos e desajustes na efetivação do papel transformador da arte na formação dos alunos.

O currículo em arte é compreendido como texto aberto à permanente transformação, considerando-se os distintos modos de assimilação dos conteúdos conceituais, procedimentais, reiterando os valores e os temas da atualidade social a eles vinculados, pautando-se nos diferentes contextos educativos e, sobretudo, nas possibilidades cognitivas, estéticas e artísticas dos alunos. O professor de arte precisa suscitar as possibilidades de ação crítico-plástica dos alunos em sala de aula e estar atento para considerar que cada contexto pode modificar a orientação de suas propostas metodológicas. É preciso, portanto, estar pré-disposto e ser flexível na ação didática do ensino de artes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente, as transformações no campo da educação, no campo da extensão e da pesquisa tem norteado o ensino da

Arte para novas perspectivas. O ensino de Arte passa a ser visto como processual, relacional e contextual, no qual os sujeitos envolvidos constroem e reconstróem conhecimentos pela mediação pedagógica, no ato de aprender e ensinar (PIMENTEL, 1999).

Desta forma, a flexibilidade de conteúdos e procedimentos artísticos propostos nas orientações dos PCNs-Arte, é um parâmetro a ser considerado nas aulas de artes. A ausência de sistematização, objetivos e conteúdos pode comprometer, a longo prazo, o conhecimento e o respeito pela diversidade cultural, conforme evidencia Penna (2001, p. 48) em seus estudos:

Os PCN-Arte, portanto, não estabelecem uma sequenciação de conteúdos, deixando o professor com uma grande liberdade (e responsabilidade) nas suas decisões a respeito de como organizar a prática pedagógica. Esta liberdade – que tem marcado, correntemente, a atuação do professor de arte – é, na verdade, uma faca de dois gumes: não tendo um programa a cumprir, o professor pode desenvolver um trabalho consistente, inclusive atendendo aos interesses da turma, ou pode também se acomodar, “fazendo qualquer coisa”, em atividades dispersas e desconectadas, sem um direcionamento claro, tornando-se até mesmo mais dependente do calendário de eventos comemorativos, que acaba por assumir.

Nesta perspectiva, é preciso pensar a formação do professor como um processo único, englobando a formação acadêmica, as atividades extraclasse e o Estágio Supervisionado como espaço de “laboratório”, donde brotam questões a serem investigadas, aprofundadas e discutidas. Quais serão, então, os conteúdos e os procedimentos metodológicos que melhor poderão preparar os licenciandos para viverem em um mundo



em constante mudança? A educação através da arte deve ser iniciada a partir da tentativa de excitar a desconfiança dos modelos instituídos nas ações educativas e que há muito tempo vem em descompasso com as teorias sobre a experiência contemporânea das artes. Mas que experiências os alunos vivencia(ra)m no curso? Qual a relação com a efetiva docência em arte? A disciplina de Estágio Supervisionado (I, II e III) não deve esquecer que, ao apresentar a educação brasileira "real", torna-se o ponto de partida para apresentar o cotidiano da escola ao licenciando, considerando toda a sua estrutura, aspectos e indivíduos envolvidos.

A relação teoria-prática precisa ser dialética e não dicotômica. O sentido do ensino da arte (na sua dupla concepção de significado e direção) não se resume à expressão nem ao domínio de procedimentos artístico-estéticos, embora a sistematização de determinados conteúdos possa ser uma ferramenta que proporcione a construção de novas e particulares leituras de mundo – "por isso uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos não produz aprendizagem alguma. *É necessário que os conceitos (símbolos) estejam em conexão com as experiências dos indivíduos*". (DUARTE JR, 1996, p. 23).

A disciplina de Estágio Supervisionado precisa se tornar um espaço de discussão, de diálogo e de levantamentos de conceitos sobre a profissão professor. Precisamos discutir situações concretas e cotidianas, fundamentá-las, contextualizá-las, ampliar o foco de análise. O espaço da escola é multifacetado, com aproximações e divergências entre professor e alunos, entre currículo formal e real. O curso de formação (a licenciatura) não pode assumir sozinho a tarefa de preparar para essa realidade – que é plural, orgânica e complexa – mas pode, com a disciplina de Estágio Supervisionado,

discuti-la, analisá-la, colocando em debate os paradigmas da sociedade brasileira, a política educacional, a profissão professor e a cultura escolar, com suas normas, currículo e especificidades culturais.

Acredito que, desta forma, a escola pode tornar-se espaço de diálogo entre os diferentes saberes e as diversas linguagens, afinal, estamos inseridos numa sociedade pluriétnica e pluricultural. Tanto alunos como professores são sujeitos sociais atuantes nas suas histórias de vida, experiências, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educativos por onde transitam, de modo a compor um contexto diverso.

Nesse trajeto que percorro entre as aulas de Artes Visuais e História da Arte no CAp-UERJ e a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes (I, II e III) para os alunos do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UERJ, e entre tantos relatos, diálogos e relatórios dos licenciandos, sinto-me próxima de entender que, através do ensino de artes, podemos procurar intervir nos descontentamentos do mundo. É preciso transformar os currículos preestabelecidos, previsíveis nos resultados; descartar as "meras atividades" para formar um roteiro com currículos e objetivos que se dinamizem, como se a cada aula pudesse haver uma descoberta única.

Sendo assim, um novo ângulo proporcionado pela aula de artes seria a pauta para a reavaliação contínua, provinda de um espírito crítico, reflexivo e avaliativo, num diálogo sem fim.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANAIS CONFAEB. *In*: FAEB – Federação de Arte-Educadores do Brasil. 2004, 2008, 2012. *In*: faeb.com.br Acesso em 26/08/2013.



- BARBOSA, Ana Mae (Org.) & CUNHA, F. P. *Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Arte/educação contemporânea. Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Arte-educação: leitura no subsolo*. 7. ed., São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Arte-educação no Brasil*. 3ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1995
- \_\_\_\_\_. *A Imagem no ensino da arte – anos oitenta e novos tempos*. 8ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_, FERRARA, L. D. e VERNASCHI, E. *O ensino das artes nas universidades*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC, 1998.
- BUORO, Anamelia B. *O olhar em construção – uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.
- DUARTE JR, J. F. *Por que Arte-Educação?* 10ª ed., Campinas: Papirus, 1996.
- DUVE, Thierry. "Quando a forma se transformou em atitude – e além". In: FERREIRA, Glória e VENÂNCIO, Paulo F. (org.). *Arte & Ensaio n. 10*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes, UFRJ, 2003.
- FERRAZ, M. H., FUSARI, M. F. e CORRÊA, A. D. A. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia do Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- OLIVEIRA, Hernandéz. *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria: UFSM, 2005.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividades e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PENNA, Maura. "A orientação geral para a área de arte e sua visibilidade". In: PENNA, Maura (Coord.). *É este o ensino de arte que queremos?: uma análise das propostas dos parâmetros curriculares nacionais*. João Pessoa: UFPB, 2001. p. 31-55.
- PIMENTEL, L. G. *Limites em expansão: licenciatura em artes visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.
- ROSA, M. C. *Formação do Professor de Artes: diversidade e complexidade pedagógica*. Florianópolis: Insular, 2005.